ANNO 3.º — Sabbado, 12 de março de 1910 — Numero 108

O DEMOCRATA

PROPRIEDADE DA Empreza do «DEMOCRATA»

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR—Arnaldo Ribeiro

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Brazil (anno) moeda forte	2$500 »
Avulso	20 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha (segunda e terceira pagina)	40 réis
Quarta pagina	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

O perigo espanhol

Continuando.

Vá isto, pacientemente, em ton de folhetim, para a meia duzia de pessoas que entre os milhares de leitores deste jornal se dám ao trabalho de passar pela vista o artigo de fundo dum periodico provinciano, o que, diga-se a verdade, quando por mim subscripto, nada tem de attrahente.

De mais, eu sou un massador, escrevo sempre artigos do tamanho da legua da Povoa, moldados sobre assumptos que não sám de escandaleira, em que procuro traduzir ideias as ideias que m'os determinam e para os quais nunca, felizmente, ando á cata de ideias com que possa encher as columnas escassas!

A verdade é esta, ao meu modo de ser, de pensar e escrever, parece difficil dizer mais que banalidades em artiguinhos curtos de semanario, a quem, como eu, pouco escreve.

De resto, isso de medir as ideias pelo espaço disponivel do jornal, pode ser facil aos jornalistas; mas eu não sou jornalista, e por isso as afflicções dos directores e a indifferença do leitor não me perturbam na tarefa.

Continuarei pois, sem olhar ao espaço, lamentando tám sómente não poder abranger em curtas linhas toda a immensidade de assumptos importantes, de problemas urgentes, de questões de summo interesse que ao meu estudo e á minha observação se apresentam, exigindo ponderação, cuidado, pensar, estudo, não de mim, que em nada os posso illustrar, mas de todos nós, de todos os que pensam e que trabalham, que dirigem e que executam.

Assim exordiando, em laia de pregador, eu prosigo, na *defeza nacional*.

*

Num dos seus superiores artigos da *Patria* ácerca da frase de D. Weiller, Bruno, sobre o perigo espanhol que só não vê quem olhos de ver não possue assim disse, recentemente—«*é na Hespanha, em grandissimo numero de cabeças, apoz o desastre de Cuba e das Philippinas, uma verdadeira mania a velha ideia, rediviva e intensissima agora, da conquista de Portugal, para compensar.*»

Ora os weilleristas pensamentos e intentos dos nossos visinhos, não eram, nem podiam ser de forma alguma, para nós desconhecidos a esta data, pois homens da maior auctoridade na politica, nas letras e nas armas entre nós, em varias publicações, em discursos, conferencias, livros e jornaes tinham denunciado o perigo e chamado para elle as gerais attenções, clamando aos dirigentes, a todas as classes e a todos os cidadãos do paiz.

Se isto fosse um paiz de cidadãos, o perigo estaria já o mais possivelmente conjurado, pois de alto a baixo ninguem teria descurado, nem mais um momento, a obra urgentissima, de primeira necessidade, de absuluta necessidade, pois sem ella não somos ninguem, da defeza nacional.

Contudo nada se fez, como em coisa nenhuma nada se tem feito, e aí temos tudo escancarado, patente, aberto á espera do D. Weiller.

Para mais não citar desde já, e os dois nomes de que me valho de bastante auctoridade sám, no seu livro de profunda analyse e subido valor, como todos, *Portugal e a Guerra das Nações*, José Pereira de Sampaio (Bruno) tratara já o problema:

«Registraramos havia tempos os desacertos ao *Heraldo de Madrid*, aventando a ideia dum passeio militar até Lisboa, pelo mesmo simples e incrivel motivo porque á data consignaramos desacertos congeneres da *Epoca*, tambem de Madrid.

A *Epoca* é um *grande formato*; tem todas as abusões, odios solapados e incorrigiveis ciumes das classes reaccionarias; foi orgão preferido do pensamento de Canovas del Castillo que, com, respeito a Portugal, chegou a annunciar, num folheto psychiatrico, a proxima sua absorpção pela Hespanha, pois que estavam propinquos os tempos annunciados por varias prophecias, que elle Canovas, Bandarra menos sincero, se dera, consequentemente, ao trabalho de interpretar.

A *Epoca*, então, publicava a opinião d'um seu correspondente o qual aconselhava á Hespanha, para compensação das suas presumiveis perdas coloniaes, a conquista de Portugal. E a *Epoca*, a esse conselho phantasmagorico, fazia o seguinte commentario, simultaneamente ingenuo e cynico:

O peixe grande devora o pequeno. Cumpre ser forte. Parece feio que uma nação despoje outra do que a ess'outra pertença; porem nada terá a temer, se souber esbulhar... com arte.»

Desta maneira avizava Bruno no seu volume citado que saíu da casa Lello em 1906.

Logo no anno seguinte, o sr. Ferreira do Amaral, major general da armada e marinheiro mais que illustre, par do reino etc., publicava o seu sensacional trabalho sobre a *Defeza Nacional* e nelle, entre vastas considerações, estampava este periodo que, por definitivo, transcrevo tambem:

«Para nós o inimigo tradicional, o inimigo mais do que possivel, provavel, ou quasi certo, se continuarmos como até agora quasi indefezos, por terra e por mar completamente expostos a qualquer ataque, isto é sem possibilidade de resistencia efficaz é a Hespanha...»

Depois de constatar a anarchia politica do paiz vizinho e de a reconhecer um *vehemente e natural protesto contra antigos e acumulados erros*, o sr. Ferreira do Amaral, aventa a hypothese da formação alli dum *grande partido nacional, forte e inergico que se crie sob uma bandeira a todos sympathica e que faça esquecer antigas e modernas dissenções internas.*

«Essa bandeira, prosegue o auctorisado militar, seria a absorpção de Portugal, em que todos os hespanhoes estão de accordo, por mais que queiram illudir-se, quando dizem que não estão; bandeira que traria em si larga e valiosa compensação ás perdas nas Antilhas e Filippinas; bandeira que seria a realisação do sonho de Castella, tantas vezes tentado com menor exito, é certo, do que contra os reinos de Aragão e Granada, mas não com menor vontade de realisal-o, nem com menores vantagens, quando concluido.»

Assim fallava um dos nossos mais doutos pensadores, publicista cujo merito escuso de encarecer e republicano de importante papel na historia do partido e da nação, e um dos nossos mais illustres marinheiros, que attingira o alto posto de vice-almirante e major general, espirito livre, a quem a Patria tambem muito deve, ainda que monarchico seja.

Por esse tempo a *Illustração Portugueza*, publicara tambem um importante inquerito á defeza das fronteiras, em que mostrava os perigos a que o paiz estava sujeito se *rebentasse a guerra com a Espanha*, concluindo por provar que a linha fronteiriça está desguarnecida e não poderia em semelhantes condições obstar a uma invazão do nosso natural inimigo.

Isto levantou grande celeuma, como se uma comadre esguedelhada á porta da rua, trouxesse para alli toda a roupa suja da rival e suja comadre.

Depois... depois passou tudo, mas não passou porém, com tudo, a velha mania de Espanha e a frase velha de D. Weiller.

Agora mil pormenores relembram e innumeros symptomas do perigo se deparam não aos olhos timidos do homem, mas ao coração alanceado d'aquelle que ama a Patria, mas que a ama por mais alguma coisa, algum mais alto motivo que pela frase balofa de rethorica—por amor positivo, por amor verdadeiro.

E os erros, os desleixos, os crimes, as miserias veem ao de cima, como ao de cima da agua dos charcos veem os detritos, o lodo, a vaza, e o venenoso e mal cheiroso gaz sulfydrico, em bolhas tumultuosas, quando com um gravêto se toca no fundo do pantano mal cheiroso.

Deste modo, agora foi rememorado, a preceito, na imprensa, o acolhimento dispensado em abril do anno findo, por ordem do nosso governo, aos officiaes espanhoes que nesse mez do anno de 1909, em numeroso grupo, a *titulo de excursão recreativa*, pois escandaloso e reparado de mais seria que viessem em missão official de espionagem patente e franca, e acompanhados até de suas ordenanças, entraram pela fronteira *para percorrer e estudar os terrenos por onde, desde Chaves até ao Porto, passou em março de 1809, o exercito do general Soult*.

Isto não me esqueceu a mim, quando comecei a pensar na frase de D. Weiller, como me não esquecera tambem já ao pensar na defeza nacional.

Nesse facto reparei tambem quando elle occorreu e a mim e ao *Democrata* cabe a honra de termos sido dos poucos que alguma attenção lhe dedicamos no n.º 62, de 24 de abril de 1909.

E aqui hoje ponho ponto, não sem ainda fazer um simples, innoffensivo commentario a um pequeno artigo que no *Seculo* de 8 do corrente publicou um official do exercito, lembrando-nos que possuiamos uns poucos de regimentos armados e equipados, que temos boa artilheria e que as baterias da capital afundaram nos ultimos exercicios um alvo fluctuante collocado a 8:000 metros de distancia.

Nós precisamos de nos deixarmos de illusões. Nem por um instante mais, nós, toda a pequenissima nação que é capaz de um pensamento por ter cerebro e que é capaz de uma acção por ter vontade, nos deverêmos deixar estarrecer perante os calhambeques pintados que trazemos sobre as aguas, ou perante a vista feherica e enthusiasmante de uma parada espectaculosa ou de uma guarda de procissão.

Os nossos canhões não pódem competir em alcance com os canhões dos couraçados recentemente construidos, e isto basta. Deixemo-nos de illusões, de illusões perigosas.

Uma illusão de força fez S. Thiago de Cuba; outra illusão levou a Russia para a Mandehuria; outra illusão semelhante fizera Metz e Sédan. S. Thiago, Muckden, Porto Arthur e Sédan, que horror!... e que vergonha!

Todas essas illusões tiveram um desfazer tám amargo para os povos que as alimentaram, que eu tremo das illusões assim.

Alberto Souto.

Lê-se no *Diario Popular* de terça-feira:

Como se sabe, a direcção da camara dos pares mandou collocar n'uma sala varios jornaes para serem consultados pelos dignos pares do reino. O *Illustrado* extranha porém que entre esses jornaes não figure o *Povo de Aveiro*, semanario republicano dirigido pelo nosso ex-visinho de Campolide.

Tem razão, mas nós vamos mais longe. A leitura do *Povo de Aveiro* tem que ser sempre acompanhada da do *Democrata* e outros jornaes que se publicam em Aveiro, feudo dos Navegantes, terra dos ovos molles, dos mexilhões e das tricanas donairosas e caitas.

E considerando tambem que os bispos, em massa, abandonaram este anno as suas dioceses para o acompanhamento dos trabalhos parlamentares, não vemos motivo para que a *Palavra*, o *Petardo*, do padre Benevenuto, o *Mensageiro*, e o orgão dos franciscanos, etc. deixem de figurar na relação.

Pedimos, pois, ao sr. director da camara dos pares para auctorisar a collocação dos referidos jornaes, na sobredita sala, e ainda de todos os outros que por ventura lhe sejam remettidos de Lisboa e das provincias, gratuitamente, como é provavel que succeda.

Além de tudo o mais, advirá d'esta salutar pratica a vantagem da camara receber alguns cobres, vendendo depois a peso os jornaes no fim do mez.

Tem razão o collega. Ao lado do *Pulha d'Aveiro* deve effectivamente figurar o *Democrata*, não pelo que este jornal vale, mas para que se avalie da auctoridade moral do pasquineiro, pondo em confronto a sua prosa d'hoje com a antiga.

Sobre tudo o que elle disse do João Franco e da sua grei.

A proposito do jornalista Hervé

Se a redacção do *Progresso* fosse composta de ignorantes ou imbecis, vá lá que se perdoasse o que escreveram sobre a condemnação de Hervé; mas a um professor do lyceu, a um director d'uma escola normal, a um advogado e director do periodico, não se póde levar em conta de ignorancia ou estupidez, aquillo que se lê no *Progresso*:—*A França é que sabe fazer justiça e defender as instituições republicanas, e o venham para cá os do «Mundo» dizer que em Portugal se faz justiça de moiro.*

O *Progresso* esconde cautelosamente o delicto *de opinião* pelo qual foi condemnado o director da *Guerre Sociale* e parece querer fazer acreditar aos papalvos que Hervé, o furioso antimilitarista, que tanto tem combatido a ideia de *Patria*, foi condemnado por atacar a Republica e defender a monarchia, em algum juizo de instrucção criminal secreto e inquisitorial, como o nosso.

Ora os senhores redactores do *Progresso* teem obrigação de vêr que a condemnação de Hervé não foi um acto de defeza das instituições republicanas porque a França se rege, mas sim, bem claramente, um acto de defeza social, das instituições sociaes que não são exclusivo da França, mas são de todas as nações, de todos os povos, de todos os estados republicanos e monarchicos, que são a sociedade, emfim.

Não foi a Republica a condemnar um imperialista; um *camelot du roi*, um nacionalista-clerical, um reaccionario fossil; foi a sociedade universal, a burguezia universal, a estupidez universal a condemnar em França um exaltado, que embora com bons intuitos, cahiu sob a alçada da Lei, que é iniqua, atacando a ordem social existente e as corporações encarregadas de a sustentarem.

A lei pela qual tão ferozmente Hervé foi condemnado pertence á cathegoria d'aquellas que a burguesia e o conservantismo, de todos os paizes, em cuja retaguarda o *Progresso* caminha, costuma reclamar contra os inimigos da sociedade, quando se dá algum attentado retumbante ou algum protesto decisivo e energico contra as oppressões do existente.

E' uma lei da mesma raça da nossa de 13 de fevereiro que a todas as outras congeneres excede em ferocidade, estupidez e vingança; lei fabricada em seguida a um attentado que lançou o panico na sociedade, como o de Monza,de Madrid e tantos outros!

O *Progresso*, deve saber muito melhor do que nós o que se passou em França depois do assassinato do presidente da Republica Sadi Carnot, depois da bomba de Vaillant, durante o consulado do reaccionario Casimir Périer.

Não era a Republica já quem se defendia, era a sociedade apavorada, aterrada quem reclamava repressões contra as opiniões

avançadas e contra a propaganda anarchista.

A França debaixo d'estas influencias esteve assim regida por aquillo a que se chamou a *semi-Republica* e que só começou a desapparecer e transformar-se depois do golpe tremendo vibrado ao nacionalismo reaccionario com a rehabilitação de Dreyfus e o impulso para a esquerda socialista dado por Loubet e continuado por Fallières.

Só depois d'isto se pode chamar Republica, ás instituições francezas nascidas da confusão das derrotas e dos descalabros do imperio, da insurreição da communa, da desorganisação de todos os serviços publicos e que ficaram eivadas de innumeros erros e vicios do segundo imperio, do seu espirito reaccionario, dos restos reaccionarios da restauração, etc. etc.

A verdadeira republica franceza tem de ser a republica da revolução, a republica dos direitos do homem, a republica social, a que se tem opposto o clericalismo, a reacção, a burguezia, a estupida sociedade conservadora que em toda a parte se obsta ás reformas sociaes e ao goso das liberdades que a revolução de 89 proclamou.

De resto, Hervé respondeu perante um tribunal regular e foi condemnado, não pelo arbitrio de um juiz ou de um funccionario ou subordinado ou dependente do governo e da Republica, mas por um jury.

Hervé tem feito a maior campanha não só contra o militarismo mas contra o exercito, contra o armamento da França, contra a divizão das fronteiras, contra o sentimento e a ideia de Patria, contra o capitalismo, contra a burguezia, contra a sociedade.

O jury burguez, a sociedede, é que o condemnou. Hervé é anti-parlamentar, é um revolucionario extremo e já annuncia até a sua sahida do partido socialista unificado.

Nem por isso podemos desculpar a sua condemnação que não é da responsabilidade da Republica, mas da reacção universal, como provamos.

E na verdadeira França republicana a sentença ergueu um vehemente protesto. Os estudantes republicanos e socialistas, os differentes comités socialistas e revolucionarios os membros das *Societés Savantas*, a *Ligue des Droits de L'Homme* e muitas outras sociedades e grupos republicanos e socialistas têm agitddo fortemente a opinião contra aquillo a que chamam *as leis sceleradas* que tornam possivel na França da proclamação dos Direitos do Homem, uma condemnação como a de Gustavo Hervé.

Ora de tudo isto ao que por cá se passa vai uma distanciasinha grande como uma distanciasinha grande vai da verdade dos factos, ás manhosas insinuações do *Progresso*.

Mas em que os monarchicos de cá são uns bananas, corcordamos nós plenamente, collega, tanto mais que os não vemos fazer o que a França de bom tem feito, nem reparar no modo por que a Republica lá tem combatido o clericalismo e a reacção que tanto mal causaram á França e tanto a desprestigiaram com a politica reaccionaria, donde sahiram essas selvagens leis de 1893, e de que a Republica social se ha de libertar completamente para caminhar com firmeza na senda de reformas e progressos que ha pouco iniciou.

Ora como os nossos monarchicos não reparam n'isto, no progresso, no bem, mas só pensam em aniquillar os republicanos e não pensam em nada de util, concordamos que são uns *bananas*, mas uns *bananas* perigosos para o paiz, o que mais alguma coisa é, infelizmente.

O Orpheon

Foi bem recebido pela nossa academia e á noite muito apreciado e applaudido no Theatro, o *Orpheon Academico de Coimbra* que, sob a intelligente direcção de Antonio Joyce, nos deu a honra da sua visita no sabbado passado.

Ao atravessarem as ruas da cidade, desde a estação, os sympathicos rapazes eram a miudo saudados pelas senhoras, que de diversas casas lhes lançavam ramos de flores, gentileza a que os academicos correspondiam atirando-lhes as capas no meio de estridentes salvas de palmas.

A vinda do *Orpheon*, pela maneira como se apresentou, foi, pois, um acontecimento para Aveiro que não cessa ainda hoje de o elogiar pelo bem como se desempenhou n'essa memoravel noite do dia 5.

*

A' nossa redacção vieram apresentar cumprimentos dois numerosos grupos de academicos dos quaes faziam parte os srs. Armando Rocha Lopes, Augusto Cesar de Barros e Eduardo d'Almeida Teixeira.

Agradecemos a sua amavel visita.

Um general ao arrepio

Na nossa ultima cavaqueira cortámos o fio á meada, precisamente n'aquelle ponto em que, enfastiados do assumpto, recorremos ao milagroso gesto de S. Francisco, revulsivo salutar em momentos d'apoquentação, e que grangeou imortal fama ao seu inventor—D. Besugo Escarapuça da veneranda ordem dos Rebimbas.

Não foi, valha a verdade, fechar com chave d'ouro, de mais a mais, na presença de um general equiparado, mas, emfim, perdoará este atrevimento a um galucho cujas maneiras não perderam ainda o odor montezino da sua aldeia, pois, como dizia o Pae da Vida, já na terra da Verdade,—*quem o tem de nação nem a poder de sabão*.

Reatando, pois, o fim ao nosso aranzel, iamos nós contando que o escarceu não valia a modica quantia dos 30$000 rs. mensaes nem merecia uma sarrafusca tão ignobil, sem seriedade nos seus processos de combate e tão falha de sinceridade nos intuitos a que obedece. Para general, mesmo equiparado, a sortida fica tres palmos abaixo dos fundilhos, quando V. Ex.ª se vê afflicto! Seja, porém, como fôr, a corporação dos *bernardos* para onde o sr. João Correia queria entrar, ao menos por decôro da sua pessoa, é que não devia servir de rebolo aos seus insoffridos despeitos e afflictivas conjuncturas. Eu sei tão bem como o sr. João Correia que, *sem dinheiro, até os cães nos conhecem*, mas vou-me aguentando pela *chucha-calada*, para não dar gosto aos meus camaradas, lembrando-me sempre que, quanto mais matraqueados formos n'este mundo pelo vergalho da sorte, tanto mais copiosa será a nossa recompensa nos ceus —pensamento profundo que foi da lavra de D. Ponas de Alhandra que, por conhecido, se não confronta. Eu, sr. João Correia, quando nos bolsos sinto *cotão* em abundancia, tenho uma mezinha, uma especie de absintho que me desfaz, por completo, a negra impressão da *larica* e que lhe recommendo para uso interno, á mistura com uma boa dose de paciencia—alheie-se por completo de tudo que o cerca, deixe por um momento em descanço os *bernardos* do lyceu, tome o aprumo de um general equiparado, queixos pra cima, remirando o infinito, *pregue os olhos na lua e o nariz no cometa*... e sentirá n'esse momento um doce effluvio tão salutar nos seus effeitos que lhe converterá este valle de lagrimas em jardim de delicias! Ai, meu general, mas não abuse da receita, pois corre o perigo de se inutilisar, por completo, e então a perda não seria só para o exercito que sentiria a falta de um general equiparado, com chronica áquem e além-mar, mas a instrucção, sobretudo, lamentaria, inconsolavel, o paladino indefeso que para as cousas do nosso lyceu surgiu aqui como uma especie de luzeiro ou pharol da Barra, com a differença de que um é equiparado e outro tem o tamanho e grossura exigida pela lei e necessidades do serviço.

Mas virando *pra o lavrado*, como se diz na minha aldeia, se o meu general não existisse, seria necessario invental-o, assim mesmo com espora, botas e barretina. Na ancia de apanhar tudo quanto os *bernardos* proferem do alto das suas cathedras, deixa de apanhar *muita cousa* que os ditos mestres largam a dentro do edificio do lyceu, e com que podia embellesar e dar lustre aos seus *substanciosos* escriptos que nem divertem nem convertem; e calinadas são ellas tão alambasadas que fariam assombro a um tarimbeiro transmontano. Ahi vae *uma* que os seus conhecidos informadores não rastrearam ainda, e que eu, no segredo dos deuses, vou confiar-lhe, esperando que d'ella não fará uso na imprensa—em reunião, um dos *bernardos* fez esta pergunta a que nenhum dos outros logrou ainda dar resposta—*qual o bicho que faz cães sem o auxilio da femea, e préga cães sem precisar de martello?*— Aqui tem uma nesga para entreter os seus ocios de equiparado. Alçapreme o seu espirito e diga se aqui, *como nas aves que fazem cêra*, ha ou não recheio para a chouriça da syndicancia, porque, se o ha, é bom que elles a gramem, compartilhando tambem da *dita*, o incansavel promotor da festa.

E, por hoje, faço alto, meu general, n'esta sodalica cavaqueira, rematando com o bello puchavante da chouriça, esperando arrear do meu fumeiro para a proxima patuscada, um bello paio ou salpicão que, para em tudo ser portuguez de lei, é comprido e grosso, muito ao paladar da gente da guerra, sobre tudo dos artilheiros e tambem cá do seu

Galucho.

Querellados?

Agora são *Os Successos* que dizem que foi requerida querella pelo pasquineiro da rua d'Arnellas, por *injurias e diffamação*, contra este jornal e que por sua vez o nosso director vai querellar tambem do *Pulha d'Aveiro* pelo mesmo motivo.

Emquanto á primeira parte não nos admira nada que assim seja porque de tudo achamos capaz o *incomparavel jornalista* como lhe chamam os monarchicos.

Sobre a segunda devemos dizer aos *Successos* ou a quem informou o seu redactor, que nunca pensámos no tal e que só muito violentados recorreremos á lei d'imprensa com o desforço aos ataques que nos sejam dirigidos.

Este é um principio estabelecido que, por coherencia, havemos de fazer todos os esforços por manter.

O nosso anniversario

Aos presados collegas *A Beira*, *A Voz da Officina*, *Intransigente*, *Jornal de Vagos*, *Imparcial*, *O Domingo*, *Correio do Vouga*, *O Mundo*, *Defeza*, *Independencia d'Agueda*, *Os Successos*, *O Combate*, *O Abrantes*, *União e Trabalho* que noticiaram em termos amaveis a entrada do *Democrata* no seu 3.º anno, os nossos agradecimentos.

Semana Politica

Cartas d'um lisboeta

Procurar n'esta podre politica alfacinha acontecimento politico, digno de figurar n'uma chronica, é revolver um montão de lama e extrahir d'elle qualquer cousa de immundo e ignobil, que, sujando o proprio chronista, incommoda tambem quem lê e quem houve.

De facto a começar no ministerio do reino, onde ás 4 horas da tarde se junta a matilha fedorenta que tem posto a saque os dinheiros do povo, e acabar no portal envidraçado da Havenza, por onde diariamente passa tudo quanto Lisboa tem de inutil e apedantado, tudo é pôdre, tudo é lama, tudo é ignobil n'este paiz, fadado certamente para grandes acontecimentos, mas enfeudado actualmente á politica jesuitica e perversa do *Immaculado* senhor de Anadia.

Procurar uma chronica, onde? Na parreirinha, actualmente feudo do *Sota da Praça?* E' ignobil, é nogento.

Na camara, aberta ha dois dias e onde se degladiam os *hervés* dos adeantamentos, n'uma defeza illegitima de inconfessaveis interesses? E' simplesmente revoltante para o nosso proprio estomago.

Deixemos pois, por hoje, estes vultos sinistros do nosso paiz e procuremos a nossa chronica, onde? N'um quartel.

Ha dias, n'um quartel de Lisboa, um grupo de soldados conversava animadamente sobre qualquer cousa; sobre as noivas que tinham deixado algures ou sobre as pobres mães que choravam, lá ao longe, a ausencia de seus filhos.

A conversa decahiu lentamente sobre a fatal politica e um d'elles, voltando-se para um collega, rapagão respirando saude, alentado e viril, perguntou-lhe:

— Olha lá, *oh coiso;* se houvessem *desordens*, por quem ias, pelo rei ou pelo povo?

A resposta não se fez esperar, breve e... sublime.—Pelo povo.

O caso constou e o moço soldado foi chamado a comparecer á presença do seu commandante, que o interrogou, obtendo como resposta, isto:

— E' facto que disse que iria pelo povo, primeiro porque do povo vim; segundo, porque eu não poderia como soldado do meu paiz, contribuir para que elle continue n'esta lastima em que se encontra.

E' escusado dizer que quem tal disse, geme actualmente debaixo dos duros ferros d'elrei; porém quando um dia a justiça n'esta terra se fizer, ampla e rasgada, o moço soldado, como figura epica e grandiosa, recordar-nos-ha que nem tudo era lama e que n'ella havia alguns corações que pulsavam e vibravam, procurando arrancal-a do atoleiro immundo onde a subverteu a infamia de muitos e as garras aduncas d'outros.

Mayrton.

Tem corrido esta semana de bocca em bocca a narrativa d'uma scena amorosa passada em certa egreja d'esta cidade entre um padre, a quem lá *esqueceram* os oculos, e a mulher do sachristão que lhe foi abrir a porta e que para se defender teve de se agarrar, segundo ouvimos, a um dos forcados que servem para descançar os andores.

O padre é muito conhecido aqui e em Agueda não sendo a primeira vez que dá que fallar.

Mas que *bom emprego* elle queria arranjar ao pobre sachristão, hein?...

"8 de Março de 1910"

Fez na passada terça-feira 50 annos que *Capirote* veiu ao mundo para castigo e flagello da familia, dos amigos, da sociedade, da coherencia, da logica e do bom senso.

Tem, pois, 50 primaveras, ou melhor, 50 invernos, o moderno *Jadicibus* do jornalismo que a odienta clericalha e a *thalassaria*, sua alliada, teem a soldo contra a Democracia, na esperança enganadora de que esta terá de ceder perante os doestos e descomponendas d'um renegado fortemente despeitado.

Sempre lunaticos para não lhes chamar imbecis, os nossos inimigos.

Seria caso virgem na Historia desmerecer no conceito humano a excellencia d'uma d'outrina, a belleza d'um Ideal, só porque um dos seus antigos propagandistas apostatou e pretende fazer da apostasia um moderno *Eldorado* rendoso, onde possa saciar a sua desmedida ganancia, a sua desmarcada cupidez, alliadas ao odio mais implacavel e ao despeito mais infernal. Sim, de que serviu á monarchia absoluta recorrer ao descredito dos homens do partido constitucional por intermedio dos *Pulhas d'Aveiro* da epoca, como a *Besta Esfollada* do padre Agostinho de Macedo (sempre os padres), a *Corneta do Diabo* e outros ignobeis pasquins vindos á luz no intuito de desacreditar o regimen constitucional?

Acaso evitou ella que a Revolução se fizesse e os liberaes triumphassem?

A vossa existencia de paladinos avariados do dessorado regimen que *felizmente nos rege* se encarrega de o negar.

Que insensatez, pois, a vossa quando imaginaes que, alugando uma desprezivel creatura, que tudo perdeu, desde a mulher até ao conceito publico, tendes assegurada a existencia por largos annos do throno da *radiosa mocidade* a quem bajulaes ignobilmente, excedendo os proprios lacaios e mais famulagem do seu paço!

Que idiotice a vossa quando suppondes que as conveniencias das oligarchias e o bem estar de uma reduzida minoria de *adeantados, adeantadores* e *sachristas*, das *clientellas* emfim, hão-de prevalecer sobre o espirito progressivo da nação e sua vontade collectiva!!

Oh! senhores, que em breve tereis o desengano e tanto mais cruel quanto a vossa experiencia se compraz em atraiçoar-vos deploravelmente. Então, sim!

Então é que reconhecereis o que vae por esse paiz fóra; então é que vos compenetraes de quaes

os sentimentos que animam todo este povo farto de exacções do regimen, exhausto de recursos e sedento de justiça e equidade; então é que ser-vos-ha dado comprehender a causa do divorcio da nação com os seus exploradores e o odio latente que o povo —a *gravataria* como desprezivelmente lhe chamaes—vota aos auctores da sua desgraça e do seu infortunio.

E se a vossa insania, a vossa cegueira, vos levar ao ponto de pretenderdes deter, ou contrariar, o seu gesto de resgate, ai de vós, ai das classes que representaes, qee passarão de usurpadoras a victimas da colera popular, ha muito represada no amago de cada cidadão expoliado.

Tudo tem o seu tempo, a sua epoca, d'ahi o descredito em que cahiram os regimens de privilegio, não só pelo que representa de antiracional e attentatorio da dignidade humana, como tambem pelos abusos e exacções a que é atreito.

O momento actual é pois de democracia pura e simples, fiadora d'um programma de sinceras reivindicações sociaes e, como tal, amplamente dignificante da especie humana.

Mal irá áquelles que, não olhando ao signal dos tempos, teimam em fazer da lei um codilho e das aspirações populares devaneios de gente ociosa.

Não será, certamente, o concurso interessado d'uma manada de *Capirotes* desembolalos e pampilhados na ponta da unha que evitará o desfecho sangrento, para que tudo isto parece caminhar, a despeito do bom desejo e sinceros esforços d'alguns vultos prestigiosos da Democracia portugueza para que uma tal collisão se não dê. Mas o determinismo tem as suas leis e não é a acção isolada d'um ou d'outro que as revogará.

Por isso a creatura que actualmente é o vosso idolo e que hoje incensaes, não obstante ainda hontem vos ter coberto de ignominia, está condemnada a acabar os seus dias, não no candieiro, que ninguem lhe daria essa importancia, mas exilado longe da patria que tem a suprema desventura de o contar entre os seus filhos.

E nem outra é já a previsão que elle tem do seu futuro, visto que, cauteloso como é, já de ha muito fez da consciencia uma sacola onde mette os contos de réis que a sua ignobil apostasia faz render, n'uma ancia insoffrida de ganhão sem escrupulos.

Fatal remate d'uma existencia de 58 annos, sempre esmaltada de incoherencias, de torpezas, de odio, de despeito, de covardias e de hypocrisia.

Não podia ser outro o desfecho de quem se pôz a ferro e fogo com tudo e com todos, inclusivamente com a propria consciencia, se é que alguma vez a teve.

Felicitamo-nos, pois, por vermos tão dissolvente elemento definitivamente affastado das fileiras da Democracia.

«Gazeta d'Espinho»

Respondeu na comarca da Villa da Feira por supposto abuso de liberdade d'imprensa, ficando absolvido, este nosso estimavel collega, superiormente dirigido pelo dr. Pinto Coelho.

A defeza esteve confiada ao eminente causidico sr. dr. Alexandre Braga que produziu um brilhante discurso.

Felicitamos a *Gazeta d'Espinho.*

Necrologia

Finou-se ante-hontem de madrugada, o sr. Antonio Baptista dos Santos, chefe de numerosa familia e que em tempo exerceu o logar de mestre do cazão de alfaiate do extincto regimento de cavallaria 10.

Era já velho, soffrendo ultimamente bastante.

A todos os seus o nosso cartão de pezames.

A DESPEDIDA

Por occasião da recente visita do Orpheon Academico á cidade de Aveiro.

A'S GENTILISSIMAS DAMAS DE AVEIRO

I

Descem revoluteando,
Em bando,
Como pombas, as camelias
Que, ridentes, esparzis
Sobre nós, lindas huris,
Ophelias!

II

Umas, traduzem desejos,
Beijos,
Segredos, talvez amor...
As outras são descóradas
Pois não são arremessadas
Com ardor.

III

D'as camelias que nos destes
Celestes
Anjos bemdictos de Deus
Colhemos nós um perfume
Brando, como um vagalume
Pelos ceus.

IV

Eu pelo menos quizera,
(Quem me déra!)
Que meu peito fosse um escrinio
Onde uma escondesse o amor,
Essa palavra... essa flor...
Dominio!...

V

Vôam agora violetas
Pretas!
E' signal de viuvez?!
Morreu-nos o vosso olhar
E a visão de enfeitiçar
Se desfez.

VI

Agora vamos partir
E sahir
D'este ninho d'alegria.
Um por um nas vossas almas
Nossos louros, nossas palmas
Eu poria.

VII

Só nos resta o desengano
Mais insano
Do que o mar nos escarceus!
Nós somos aves sem par
Viuvas do vosso olhar!...
Adeus!...

VIII

Anjos bemdictos de Deus
Adeus!
Deixamos o coração
A dormir no vosso seio...
Não o desperte o receio
Oh! não!

Anjos, estrellas dos ceus
E' um ai o nosso adeus...

Coimbra, 6—3—910.

MANUEL VAZ.

"O Democrata,,

Este jornal passa, da proxima semana em diante, a publicar-se á sexta-feira de manhã devido a ter de ser impresso n'outra machina e a casa que a possue não poder comprometter-se a imprimil-o ao sabbado, como de costume.

Alem d'isso apresentar-se-ha inteiramente modificado na sua parte material, iniciando assim a série de melhoramentos com que se propõe corresponder ao acolhimento publico, devendo inserir tambem variada collaboração devida á penna de considerados escriptores do partido em que milita.

Aproveitamos a occasião para solicitar dos nossos correspondentes o envio dos nossos originaes o mais cêdo que possam pois que, de contrario, ver-nos-hemos obrigados a retardal-os, o que, francamente, não desejamos.

Reboliço

Naturalmente por effeito d'alguma pinga a mais, houve no domingo á noite em plena rua Direita e não muito longe do commissariado de policia, um enorme reboliço entre rapazes novos um dos quaes chegou a puxar por uma navalha com que pretendia agredir o seu antagonista o que não levou a effeito devido á intervenção d'alguns populares.

Pois apezar do grande ajuntamento e da gritaria que se fez a policia brilhou, como de costume, pela sua ausencia.

E' que a essa hora talvez já estivesse de guarda ao Chrito, que é, como elle proprio se inculca, a *encarnação da alma nacional...*

E não passamos d'isto...

Os revolucionarios de Aveiro

O jornalista monarchico da *Beira Mar*, ex-furibundo republicano revolucionario do *Jornal d'Aveiro*, hoje defensor do padre Salomão, dos sermões reaccionarios e de tudo o que fôr beaterio e jesuitico, antigo amador de gréves tumultuosas, corridas do padre Senna Freitas e aos srs. de Agueda etc., hoje inimigo implacavel dos liberaes e *maçonicos* e ainda ha pouco *er.·.* d'uma *chafarica* e maçon dos quatros costados, tal qual o ex-*er.·.* *Hoche*, querendo imitar o Christo, o padre Mattos e o terrivel *Hoche* da Parreirinha, entrou ha pouco n'uma furia destemida a ameaçar os republicanos de Aveiro e a denunciar á perseguição monarchica, os suppostos funccionarios republicanos.

E entrou com um rompante tal, que julgar-se-hia que estava disposto a fazer aos revolucionarios e aos empregados publicos republicanos o que o *Hoche* está fazendo aos dos balandraus.

Mas não senhor. O nosso *ex-er.·.* e ex republicano tem bom coração e arrependeu-se... do papel ridiculo em extremo que estava fazendo e tem serenado a ponto de já deixar em paz o professor, no qual só fálla quando nós lhe damos uma alfinetada.

Ficou-se nas encolhas. Mas nós é que queremos que elle se sahia das encolhas e que continue a denunciar para nos fazer rir a nós e para fazer rir mesmo os seus correligionarios monarchicos.

Porque a verdade é esta: toda a gente riu com as denuncias do sr. padre Jayme Salomão. Ninguem o poude tomar a serio, ninguem,

Quem vem a um jornal dizer que ha ahi um professor primario que convida os pequenos da escola a acompanharem-o para a revolução, não póde querer que o tomem a serio.

O sr. Jayme estendeu-se, como muitas vezes, e razamente.

O que vale é que todos lhe dão já o devido desconto, porque todos conhecem essas manias exterminadoras que lhe ficaram do franquismo e da policia.

Depois d'isso o sr. Jayme não pensa em mais nada se não na *auctoridade, na força, no dar para baixo* e *na prisão.*

Ao primeiro que lhe desagrade, atira logo um—*prende-o!*

Na Fogueira, por exemplo, o sr. Jayme, ainda ha pouco no-lo contaram, foi divino, ameaçando tudo com a prisão.—*Olhe que eu prendo-o!* para a direita;—*Olhe que eu prende-o*, para a esquerda.

Ameaçou innumeras pessoas com a prisão e já se sabe que não prendeu nenhuma. E quem era o sr. Jayme Salomão para prender alguem? Quem era?O que era?

Ora, o sr. Jayme se fosse um quasi nada mais sensato, escusava de fazer estes papeis ridiculos que só servem para lhe tirar alguns restos de auctoridade e prestigio que poderia conservar.

Convença-se o sr. Jayme, que isso lhe fica mal, que é caricato em extremo, grotesco até mais não.

Isso de querer prender toda a gente é uma mania que faz rir a todos.

Isso de querer perseguir, aniquillar, devorar todos os republicanos é uma mania caricata que faz rir até o *Progresso.*

Isso de denunciar funccionarios, empregados publicos, professores etc. para serem perseguidos por serem republicanos é uma indignidade, é improprio de um jornalista que se preza, d'um homem que se preza, de um advogado, de um politico.

Isso é de esbirro, de *mosca*, de confidente do santo officio, de policia, de bufo, não de um homem que escreve um jornal, de um doutor.

Comprehende-se que o pulhasito reles, o garotola indecente, o malandrim safardana que se veio metter n'uma associação republicana para ámanhã ir vender-se mais caro á policia, denuncie, espione, aponte á perseguição aquelles que tiveram a infelicidade de o acreditarem por companheiro; mas não se comprehende que o homem illustrado, instruido, intelligente, que no advogado, um jornalista, que passou pelas cadeiras de um municipio e lá foi presidente, que passou pela maçonaria e lá foi veneravel ou coisa que o valha, que advoga, que escreve, venha para o seu jornal denunciar funccionarios publicos de possuirem ideias politicas, e para isso ande a espionar como qualquer reles bufo que ganha na policia cinco tostões ao dia.

Sim, isto não é decente, isto não é proprio do sr. Jayme.

Mas o sr. Jayme cahiu n'essa falta, tem de aguentar-se com o juizo publico, com a justiça da opinião, com os seus sorrisos e sarcasmos. E agora tem de fazer mais alguma coisa que é proseguir.

Calar-se, parar, encolher-se, será o cumulo da vergônha. Já que começou não pare, vá até ao fim.

Nós é que queremos vêr a sua palma de victoria, que ha de ser linda, que ha de ser fresca.

* * *

O sr. Jayme fez, até hoje, tres denuncias, qual d'ellas a mais grave. Do grave ao ridiculo vai um pequeno passo e nós veremos no fim se o sr. Jayme o deu ou não.

Disse o sr. Jayme n'um dos seus rompantes... policiaes, de feroz zelo monarchico-inquisitorial:

1.º — **que um professor primario, em plena escola, faz propaganda anti-monarchica entre os seus discipulos e pergunta aos pequenos se o seguem caso venha a revolução;** (!!!)

2.º — **que n'uma repartição publica d'esta cidade, varios empregados não só fazem propaganda republicana, mas apellam para a revolução e desrespeitam os seus superiores, o governo e os poderes constituidos;**

3.º — **que n'uma repartição se divulgam sem rebuço os segredos particulares do estado que lhe são confiados.**

Pois bem, isto é grave e precisa esclarecido. O sr. Jayme deve fallar abertamente. Casos graves, como estes, não pódem ficar n'um *diz-se*, quando quem levanta esse *diz-se* é o primeiro a pedir a intervenção da auctoridade.

A suspeita assim está lançada sobre todos os empregados publicos e sobre todas as repartições da cidade, o que é infame.

O caso do professor, que ninguem póde tomar a serio, já toda a gente sabe com quem se entende.

Toda a gente sabe que deve ser com o professor de Verdemilho, que a malta do padre Pato por todas as fórmas, as mais reles e baixas, tenta perseguir.

Foram telegrammas nos jornaes contra elle, foi uma campanha ignobil de diffamação, foi o caso da bomba e é agora—o de querer levar os petizes para a revolução e o de fallar no Buissa e no Costa.

Isto é indecente, é reles, é infame.

O professor de Verdemilho não se incommoda com as baboseiras que lhe assacam porque tem a consciencia de cumprir os seus deveres e tem a certeza de que os seus superiores, e nomeadamente o sr. Cerqueira, sabem bem como elle cumpre esses deveres.

De resto, é tão disparatada a accusação que ningnem a póde acreditar sem cahir no ridiculo e toda a gente vê que isso é obra não da mania politiqueira do sr. Jayme Silva, mas dos instinctos vingativos do padre Pato a quem ninguem liga importancia.

Ora sendo assim restam-nos as repartições de Aveiro, que muita gente já diz serem o governo civil e a recebedoria, e é bom por tanto que o sr. Jayme falle, mas muito claro, e que não se calle, como vem fazendo sobre as faltas de respeito aos superiores e á divulgação dos segredos particulares e do Estado.

Porque emquanto ao republicanismo, sr. Jayme, o melhor é o sr. ir por todas as raparticões publicas de Aveiro e do paiz inspeccionar os cerebros e os corações de todos os empregados, para descobrir quaes os que teem ideias e sentimentos republicanos, vacinar os que ainda os não tiverem para que os não venham a adquirir e por fim... apresentar a conta.

Deve ganhar muito.

Em tempo as *cabeças de pardal* deram muito dinheiro. Eram pagas á duzia e ao cento!...

Do nosso presado amigo sr. dr. Eduardo Silva, digno professor do lyceu d'esta cidade, recebemos, para publicar, o seguinte:

ACLARANDO

No ultimo numero da *Beira Mar*, em carta sob o titulo—*Ainda o lyceu*, faz-se uma referencia a um bacharel que duas vezes foi reprovado no concurso e que é professor d'este lyceu.

Creio que o sr. Ambrosio da Conceição se refere á minha humilde pessoa, e, n'esta convicção, e só com o fim de rectificar o que acima se diz, venho declarar o seguinte:—fui reprovado uma só vez no meu concurso, frequentava então o 5.º anno de Direito. Da segunda vez desisti, já na ultima prova de Portuguez, tendo concluido as provas de latim. Eram 4 os concorrentes; dois foram excluidos nas provas de latim e conseguimos eu e o sr. dr. Silvio Pellico, hoje professor em Coimbra, ser admittidos ás provas de portuguez. Desistimos ambos. Os motivos constaram de uma reclamação dos dois concorrentes victimados em latim e occultam-se, em respeito á classe, para não sujar alguem.

Fica assim restabellecida a verdade dos factos no ponto em que era natural o equivoco do sr. Ambrosio da Conceição, attendendo a que foi nullo o resultado do meu trabalho da 1.ª e 2.ª vez que fui a concurso.

E. Silva.

AO SR. DR. JUIZ DE DIREITO

Não sabemos se v. ex.ª costuma lêr os jornaes d'esta comarca, mas o nosso Marques Villar, dos *Successos*, ainda hoje affirma que sim.

Não queremos denunciar nenhum collega nosso, mas desejariamos só que v. ex.ª não deixasse que ninguem, por nenhuma fórma, lançasse no espirito publico germens de desprestigio para a magistratura judicial e suspeitas sobre a rectidão e independencia de v. ex.ª como nosso juiz de direito e, meritissimo, que é.

V. ex.ª já teve occasião de condemnar este jornal; nem por isso pozemos a menor duvida sobre a imparcialidade do julgamento ou tivemos para v. ex.ª e restantes collegas uma só palavra de magua que

podesse vir a servir de pretexto para suspeitas do publico.

Ora com alguns jornaes de Aveiro, festejando absolvições que lhes são sympathicas ou commentando o procedimento de v. ex.ª no tribunal em certa audiencia, como juiz, o mesmo não succede.

Um, e v. ex.ª já o deverá ter visto e pensado bem, diz que v. ex.ª não cumpriu o seu dever como juiz. Isto é grave e não lança prestigio sobre o nome de v. ex.ª

Outro, festejando a absolvição de uns sujeitos de Verdemilho accusados de espancarem um individuo qualquer dá-se a liberdade de fazer confrontos com algumas condemnações de uma fórma tal que parece querer dar a entender que v. ex.ª só dá sentenças favoraveis a uma certa facção.

No espirito de muita gente menos illustrada a quem esse jornal é distribuido fica essa suspeita.

E como sobre o assumpto ouvimos muitos dislates que, tanto quanto nos é possivel, tentamos desfazer; resolvemos mar a liberdade de chamar para o caso a attenção de v. ex.ª, certos de que cumprimos um dever que nos é imposto pela nossa consciencia e pela nossa missão.

V. ex.ª com uma só palavra póde impedir a repetição d'estes factos que causam no publico uma impressão verdadeiramente desmoralisadora.

Sem fingimentos, que não cabem em nosso caracter, mas sinceramente, apresentamos a v. ex.ª os nossos respeitos.

OS NOSSOS POBRES

Commemorando o 30.º dia do passamento do nosso inolvidavel correligionario sr. Francisco Antonio de Moura, distribuimos no dia 5 pelos pobres das duas freguezias da cidade, os 15$000 réis que nos haviam sido enviados para esse fim pelos nossos amigos do Porto, srs. Pereira Barbosa, José Ferreira Pinto Junior e João Diniz de Oliveira.

Eis os nomes dos contemplados: Jacob da Rosa, T. de S. Gonçalinho, 500 rs.; Antonio Russo dos Santos, idem, 500 rs.; Emilia do Egidio, idem, 500 rs.; Margarida da Rosaria, R. de S. Roque, 500 rs.; José Augusto, idem, 500 rs.; Rosa Coelha, R. do Vento, 500 rs.; Norberta Rosa, idem, 500 rs.; Antonio da Naia Sardo, idem, 500 rs.; Luiz José, idem, 500 rs.; José da Silva Marcos, idem, 500 rs.; João Pitto, R. de S. Bartholomeu, 500 rs.; Manuel Rodrigues da Paula, idem, 500 rs.; Manuel de Pinho das Neves, R. de St.º Antonio, 500 rs.; Antonio Patacão, R. do Norte, 200 rs.; Agostinho Rebello, idem, 200 rs.; Maria Povoa, R. do Arco, 1$000 rs.; Antonia do Valentim; R. do Seixal, 500 rs.; Eufrazia de Jesus, R. do Gravito, 500 rs.; Thereza Cordeiro, idem, 500 rs.; Maria Rata, idem, 250 rs.; Manuel Vicente, 1$000 rs.; Adriano Cordeiro, R. da Corredoura, 500 rs.; Joanna Mathias, R. da Vera Cruz, 250 rs.; Justa Salgueiro, T. do Passeio, 200 rs.; Emilia Augusta, R. d'Arnellas, 200 rs.; Engracia de Jesus, R. de S. Martinho, 200 rs.; Joanna Rosa, R. de S. Sebastião, 400 rs.; Rosa Garcia, R. do Loureiro, 200 rs.; Margarida das Neves, R. de Jesus, 200 rs.; Rosa das Neves, idem, 200 rs.; Mannel Abbade, R. do Vento, 500 rs.; Clara Rosa, 1$000 rs.; Joaquim de Deus, 500 rs.

Em nome de todos, os nossos agradecimentos.

Armazens do Chiado

Não tem fundamento, segundo nos informam, os boatos que ahi teem corrido de que ia fechar esta importante casa commercial de Lisboa e com ella a succursal que estabeleceu n'esta cidade, de que é gerente o sr. Antonio Videira.

Este sr. vai até n'um dos proximos dias para a capital com o fim de escolher o sortido de fazendas para a proxima estação calmosa, contando dentro em breve expôl-o á venda no seu estabelecimento dos Arcos, um dos melhores que, no genero, aqui existem.

Dois traços

O CANALHA

(Trecho offerecido pelo *Democrata* ao *Diario Illustrado* que extranhou não figurar ao lado dos jornaes que vão para a camara dos pares, o *Pulha d'Aveiro*.)

Tartarin encimou agora uma geringonça do seu infame pasquim com o rótulo—*a canalha*. E' mais um artigo da sua torpeza, da sua demencia, mas sobretudo da sua estupidez, da sua ignorancia. O bruto até os sexos confunde:—querendo referir-se a elle mesmo, querendo fazer a synthese do que tem sido, o resumo do que é, puchou e repuchou da testa, e sahiu-lhe o *termo*, sahiu-lhe canalha, sahiu-lhe muito bem, mas passou-lhe a lingua por detraz, metteu-lhe antes um *a*, em vez de antepor-lhe um *o*.

Não se diz *a canalha*, alarve, quando se quer designar um *typo* do sexo indifferente, do teu jaez, *cujo* seja a fôrma do teu vestido. Diz-se mas é—*o canalha, o canalha, o canalha*, trez vezes, ou trez mil vezes.

Ora, olha, Tartarin, Deus te dê juizo, que tu, uo fim de contas, és um canalha, dez vezes, mil vezes, mas és muito imbecil, e, sobretudo, *muito pouco atilado*. Tu, até, para dares satisfação ao respeitavel publico, deves mas é entrar em Rilhafolles.

* * *

Tartarin tem-se na conta de fino. Imagina que caça ratos. Pois sim: afinal de contas elle Tartarin, é apenas um rato nas unhas do gato.

Têmo-nos divertido bastante com esse roedor, moendo-o e remoendo-o, picando-lhe o coiro, arrancando-lhe o pello, arrepelando-lhe a alma, pisando-lhe o rabo, pochando-lhe as orelhas, quebrando-lhe os ossos, partindo-lhe os dentes. Depois largamol-o, a vêr...

Elle fica-se a fingir de morto, a vêr se se *lisca*, lá faz um movimento com disfarce, mas quê! saltamos-lhe outra vez em cima e novamente o moemos e remoemos, o pisamos e repisamos, etc.

Tartarin está um novello, está uma almondega, está um bolo feito dos restos reboitados dos pratos dos hospedes em cosinha de tasco de alfurja, um pastellão de unhas de perú e de pescoços de borrelho, de ossos e d'espinha de carapau e unto de badejo, de codeas e doces esbodegados, em brodio porco d'aurigas e collarejas; está o que na linguagem de Eugenio Sue se chama—*um arlequim*.

Está abaixo, muito abaixo de garoto, abaixo, muito abaixo de canalha, abaixo, muito abaixo de poltrão, abaixo, muito abaixo de biltre, de bisborria, de borrabotas, de pulha, de salafrario, de jagodes, de sevandija, de chato, pulga, piolho, ou percebejo. E' o que ha de mais ordinario, de mais reles, de mais infimo, o infimo dos infimos asquerosos e torpes. E' tudo o que elle chama aos outros.

E não quer que lhe digam *chiça! Chiça, chiça*, tres vezes *chiça*.

(Da *Vitalidade*, orgão do partido franquista d'Aveiro, dezembro 1902.)

O «Alegre Mocidade»

Foi recebido o melhor possivel, em Vianna do Castello, onde se exibiu a convite, o rancho de tricanas *Alegre Mocidade* de que é director o sr. Manuel Paula Graça.

Congratulamo-nos com o successo obtido que é deveras lisonjeiro para esta terra.

Bolentim parlamentar

8 dias de sessões de pouco mais de meia hora, por falta de numero, pois os senhores deputados não podem chegar para tudo e não estão para maçadas.

Trabalhos realisados—chorar defunctos, eleger commissões interminaveis, abrir a bocca e encerrar a sessão.

O dr. Antonio José d'Almeida realisou um aviso previo sobre as turbulencias do ex.mo *Hoche* que causou engulhos ás maiorias e que foi interrompido.

Resultados positivos—zero—como sempre.

Livros, Revistas & Jornaes

"A Lanterna,,

Occupa-se de *A desobriga na Escola do Exercito e a crise religiosa em Portugal* o n.º 36 d'este opusculo que temos á vista e no qual Paulo Emilio continua a sua bella obra de propaganda contra o preconceito religioso.

São 16 paginas que se leem sempre d'um folego e com agrado.

"Archivo Republicano,,

Recebemos mais um numero d'esta luxuosa publicação, que insere o retrato de José Sampaio (Bruno) acompanhado d'um artigo biographico do sr. dr. Brito Camacho.

A parte litteraria é tambem cuidada e primorosa, o que torna o *Archivo* digno de ser adquirido por todos os nossos correligionarios.

José Estevam

O nosso presadissimo amigo sr. dr. Magalhães Lima acaba de nos brindar com o seu magnifico discurso proferido em nome da Maçonaria Portugueza no sarau realisado no Theatro Aveirense por occasião do centenario de José Estevam, e que agora foi publicado em *separata* pela redacção do *Archivo Republicano*.

Agradecemos muito reconhecidos.

EDIFICANTE

A proposito do caso do professor revolucionario que quer levar os petizes para a revolução com espingardas de canna rachada, espadas de cortiça, etc., recebemos o seguinte bilhete que publicamos, por ter sua graça e por nos certificarmos de que o que n'elle se diz tem fundamento:

SR. REDACTOR

Eu não sei se o sr. professor de Verdemilho, com quem, com certeza, se entende a *Beira Mar* (pois o orgão do padre Salomão nunca fallou n'outro professor primario) alguma vez fez em tabernas, ou em outra qualquer parte, elogios ao Buissa. Eu cá por mim nunca lh'os ouvi, mas o que sei é que algumas vezes estive conversando com elle sobre politicas e outros assumptos n'uma sala contigua á taberna do Báu e do Serradeira, emquanto perto jogavam as cartas, tendo ao lado copos de vinho e uma picheira, o sr. Accacio e o sr. vigario Antonio Pato e outros amigos.

Talvez aquelles dois senhores algum dia ouvissem o sr. Martins fallar no Buissa *pelas tabernas*, porque elles são dois frequentadores assiduos do balcão do Báu e do Serradeira, como toda a gente sabe em Verdemilho e como qualquer pessoa póde verificar sem difficuldade.

A *Beira Mar* que lh'o pergunte, pois.

Se o professor apontado pela *Beira Mar* é o sr. Martins, como se diz, e a *Beira Mar* deve declaral-o sem demora, se foi elle o tal professor primario que nas tabernas elogiou o Buissa e o Costa, quem melhor que ninguem o poderá affirmar serão os srs. Accacio Rosa, empregado no governo civil e o padre Antonio Pato, vigario de Arada, pois ambos são os mais assiduos frequentadores das casas do Báu e do Serradeira, onde se ajunta a bella sociedade.

Um disculo de Arada.

Tempo

Apezar de já terem chegado as andorinhas, precursoras da primavera, o tempo continua irregular, sendo o frio ainda bastante intenso.

De chuva, então, não se falla; temos sido fartinhos.

Correspondencias

Castello de Paiva, 22 de fevereiro.

Foi no dia 17 do corrente que os srs. do municipio e administrador do concelho examinaram as estradas que se encontram intransitaveis em virtude das transgressões de posturas municipaes praticadas por Antonio de Souza Freitas.

As ordens dadas pela digna auctoridade do districto foram cumpridas, e justiça será feita repondo-se as estradas no seu antigo estado.

Sabemos que não foi culpa da demora no cumprimento da lei dos srs. que superintendem no municipio. Conhecemos de sobejo os seus bons sentimentos e vontade de acertar.

A demora em compellir o transgressor ao cumprimento da lei, tem causado e causa graves prejuizos a alguns habitantes do concelho e aos de fóra d'elle.

= Já dissémos e repetimos é de toda a conveniencia que retomem os seus respectivos logares os empregados publicos que estão fora d'elles e que vivem pouco honrosamente.

Breve falamos.

C.

Cacia, 10.

Junta de parochia

Agora que, segundo se diz, o governo vae fazer a reforma da lei eleitoral, lembramos aos membros da junta a conveniencia de aproveitarem o ensejo para reclamarem uma assembleia eleitoral autonoma, funccionando na sede da freguezia, pois nada ha de mais injusto que a subordinação para os effeitos eleitoraes de Cacia á freguezia de Esgueira.

Tal melhoramento evitava aos conterraneos que quizessem usar do direito civico de votar, o incommodo de terem de palmilhar mais de uma legua, contribuindo não pouco para reduzir o numero dos abstencionistas.

Estamos certos que o alvitre pelas vantagens que representa está no animo de todos os patricios, pelo que espero lhe darão o seu appoio.

Um Caciense.